

Fonologia do kheuól do Uaçá, variedade Karipuna: principais aspectos

Glauber Romling da Silva

Universidade Federal do Amapá, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4286-159X>

Janina dos Santos Forte

Universidade Federal do Amapá, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-9577-9998>

ABSTRACT: The Kheuól do Uaçá is an indigenous language spoken by two peoples of different origins, the Karipuna and the Galibi-Marworno. Both share Indigenous Lands in the municipality of Oiapoque, Brazil, on the border with French Guiana. We present the main aspects of the segmental phonology of the Kheuól do Uaçá, Karipuna variety. In this work, we use the most recent data and rely on the introspection of one of the authors, who is a native speaker of Kheuól Karipuna. Through minimal pairs and analogs, we seek to establish the consonantal and vocalic phonemes, as well as their allophones. We resort to autosegmental phonology of the Features Geometry (Clements; Hume 1995) to capture phenomena of nasalization (/j/ [j̃], /g/ [g̃]) and vowel opening (/e/ [ɛ], /o/ [ɔ]) as instances of assimilation with the changing of the features values [nasal] and [open] (*feature-changing assimilation*), respectively. We explain the post-aspiration of consonant /Ch/ [C^h] triggered by syllabic readjustment, such as the spreading of the oral cavity (OC) node from /h/ to the secondary articulation of OC of the preceding consonant (*partial assimilation*). In future work, we intend to describe the segmental phonology of the Galibi-Marworno variety of Kheuól do Uaçá. This study aimed to provide an original contribution to the phonology of a underdocumented and endangered indigenous language. **KEYWORDS:** Indigenous languages; Creole languages; Kheuól do Uaçá; Karipuna; Phonology

RESUMO: O kheuól do Uaçá é uma língua indígena falada por dois povos de origens diferentes, os Karipuna e os Galibi-Marworno. Ambos compartilham Terras Indígenas no município de Oiapoque, Brasil, na fronteira com a Guiana Francesa. Apresentamos os principais aspectos da fonologia segmental da língua kheuól do Uaçá, variedade Karipuna. Neste trabalho utilizamos dados mais recentes e contamos com a introspecção de um dos autores, que é falante nativo de kheuól Karipuna. Através de pares mínimos e análogos, buscamos estabelecer os fonemas consonantais e vocálicos, bem como seus alofones. Recorremos à fonologia autosegmental da Geometria de Traços (Clements; Hume 1995) para capturarmos os fenômenos de nasalização (/j/ [j̃], /g/ [g̃]) e de abertura vocálica (/e/ [ɛ], /o/ [ɔ]) como instâncias de assimilação com a mudança do valor dos traços [nasal] e [aberto] (*feature-changing assimilation*), respectivamente. Explicamos a pós-aspiração consonantal /Ch/ [C^h] engatilhada por reajuste silábico, como o espraiamento do nódulo de Cavidade Oral (CO) de /h/ para a articulação secundária de CO da consoante precedente (*partial assimilation*). Pretendemos em trabalhos futuros descrever a fonologia segmental da variedade Galibi-Marworno do kheuól do Uaçá. Este estudo buscou apresentar uma contribuição original sobre a fonologia de uma língua indígena subdocumentada e ameaçada de extinção.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas indígenas; Línguas crioulas; Kheuól do Uaçá; Karipuna; Fonologia

1. Introdução

O kheuól é uma língua crioula falada pelos povos indígenas Karipuna e Galibi-Marworno. Esses povos, de origens distintas, habitam as Terras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi do Oiapoque (Gallois; Grupioni 2003), localizadas no município de Oiapoque (Amapá,

Brasil), fronteira com a cidade de Saint George d’Oyapock, na Guiana Francesa, França (Alleyne; Ferreira 2007; Campetela et al. 2017; Cavlak 2016). Não se sabe ao certo o número de falantes da língua kheuól do Uaçá¹. De maneira impressionística, pode-se afirmar que a maioria da população também fala português (Carvalho 2020). A população estimada do povo Karipuna é de 3.030 pessoas e do povo Galibi-Marworno, de 2.822 pessoas (SIASI/SESAI 2020 *apud* ISA 2022a, 2022b). As variedades faladas pelos Karipuna e pelos Galibi-Marworno distinguem-se sobretudo no léxico e no nível fonético-fonológico (Silva 2019; 2021a; 2023; Silva; Santos 2022). Este trabalho tem o objetivo de descrever a fonologia segmental da língua kheuól do Uaçá em sua variedade Karipuna. Os fenômenos de nasalização e abertura vocálica são analisados à luz da Geometria de Traços (Clements; Hume 1995).

A língua kheuól do Uaçá faz parte de um *continuum* de línguas que surgiram devido à ocupação em massa do Caribe por pessoas escravizadas advindas de algumas regiões da África Ocidental para o trabalho forçado nas lavouras francesas. Essa imensa diáspora tem como causa o genocídio representado pelo tráfico internacional de africanos, perpetrado pelas potências europeias, que durou mais de três séculos. Dentre as línguas nascidas nesse contexto, estão lousiannais, haïtien, martiniquais, guadalupéen, o guyannais e o kheuól do Uaçá, representado pelas variedades Karipuna e Galibi-Marworno (Alleyne; Ferreira 2007; Ferreira 2010; Jennings; Pfänder 2018; Silva 2021b).

O kheuól do Uaçá é derivado do guyannais, que surgiu no final do século XVII em Cayenne, capital da Guiana Francesa (Jacobs; Parkvall 2021; Jennings; Pfänder 2018). Pessoas escravizadas, falantes L1 de línguas niger-congo, aprenderam o francês como L2 já adultos. Esses falantes transmitiram seu francês L2, em um ambiente multilíngue, para a geração nascida no cativeiro. Aplicaram-se os fenômenos típicos da mudança linguística em ambientes multilíngues, como pressão de L1 sobre a gramática L2, na geração de chegada, seguida da aquisição dessa gramática como L1 pela primeira geração nativa. Esse processo seminal foi seguido de sucessivas levas de falantes multilíngues (cf. Aboh e Degraff (2017) para o mesmo processo em haítiano).

Estipula-se que o que chamamos de kheuól do Uaçá começa a surgir a partir do início do século XX. Até 1900, a fronteira no rio Oiapoque era contestada pela França, que alegava que a fronteira era bem mais ao sul, no rio Araguari. Durante boa parte do século XIX, a região entre o Oiapoque e o Araguari, considerada como neutra, foi “compartilhada” pelos dois governos, o que na prática anulava a soberania de qualquer legislação no lugar. Com difícil acesso, a área em dissenso foi destino de muitos povos distintos. De Cayenne até a fronteira com o rio Oiapoque, o guyannais era a língua franca de povos indígenas e não-indígenas (Cavlak 2016; Gallois; Grupioni 2003; Lüpke et al. 2020; Santos; Silva 2020; Silva; Rückert 2009).

Com a delimitação em 1900 da fronteira definitiva, o governo brasileiro emplacou uma campanha de ocupação nacional na região. Povos nativos que habitavam a região foram reconhecidos com vistas à comprovação de ocupação territorial daquela faixa. Povos que antes habitavam dispersos diversas ilhas foram reunidos pelo governo em grandes aldeias ao redor de escolas e postos de controle. Adotou-se uma política agressiva de assimilação de símbolos nacionais brasileiros e afastamento de influências francesas, que envolviam falar francês e guyannais. Com esse movimento delimitador a partir do início do século XX, e com a influência cada vez maior do português como L1 e L2, o kheuól fez emergir os contornos gramaticais e lexicais que exhibe atualmente como língua de identidade dos povos Karipuna e Galibi-Marworno e língua franca remanescente nas Terras Indígenas da região.

¹ Os gentílicos uaçauara e *mun* Uaçá são os mais antigos registrados para designar os habitantes da região. Muito embora haja Terras Indígenas com outros nomes, a designação Uaçá, é comumente utilizada para se referir, de maneira indistinta, a toda a região no entorno do rio Uaçá. O glotônimo kheuól do Uaçá busca abarcar as variedades Karipuna e Galibi-Marworno.

O glotônimo *kheuól* do Uaçá não é adotado por Ferreira (2010), que prefere o uso do acrônimo AFC (Amazonian French Creole). No *Ethnologue* (Eberhard et al. 2024) há as ocorrências *lanc-patuá* e *Karipuna french creole* (kmv ISO 639), classificada como ‘em perigo’. No *Glottolog* (Eberhard et al. 2022), a referência ao *karipuna* do Amapá apresenta informações geográficas equivocadas e os classificam como ‘extintos’ (kari1309, kgm ISO 639-3). Adotamos *kheuól* do Uaçá (ou *kheuól*), pois é a nomenclatura utilizada pelas comunidades de falantes, por expressar, através da inserção do nome do território que partilham (Uaçá), a unidade que os indígenas, *Karipuna* e *Galibi-Marworno*, gostariam de demonstrar, ao mesmo tempo em que resguardam as diferenças culturais de origem que também sempre pontuam. Há historicamente uma negligência em relação à variedade falada pelos *Galibi-Marworno*; a maioria das referências faz menção à língua falada pelos *Karipuna*. A literatura refere-se ao *kheuól* de outras formas, como *keuól*, *keól*, *créole*, *kreóle*, *crioulo* e com a, atualmente pejorativa, nomenclatura *patuá*. Usamos neste trabalho *kheuól* do Uaçá ou apenas *kheuól*. Trabalhos publicados por indígenas *Karipuna* e *Galibi-Marworno* vêm apresentando nos últimos anos os resultados de projetos de documentação e de pesquisas sobre a língua empreendidos por professores e pesquisadores de ambos os povos (Forte 2020; 2021; Forte et al. 2019a; 2019b; Nunes; Atilda; 2020; Silva et al. 2019a; 2019b; Silva, J. 2021; Vilhena 2020).

Não há trabalhos exaustivos sobre a fonologia do *kheuól* *Karipuna*. A descrição superficial mais conhecida está no apêndice da gramática de Tobler (1983), que trabalhou com consultores da aldeia Espírito Santo². O autor não apresenta pares mínimos ou análogos sistematicamente, recorre a poucos exemplos, comenta brevemente alguns contextos de nasalização, sem comentar outros processos fonológicos e não aborda sílaba ou fenômenos suprasegmentais. As principais diferenças dizem respeito ao número de consoantes e de vogais nasais. Para o autor, o *kheuól* tem 22 fonemas consonantais, 7 vogais orais e 3 vogais nasais (/ɛ̃/, /ɔ̃/, /ã/). Na nossa análise, identificamos 21 fonemas consonantais (interpretamos [ŋ] como alofone de /g/), 7 vogais orais e 5 vogais nasais (ã, ẽ, ã, õ, ù).

Nas próximas seções, apresentamos os procedimentos metodológicos, os contrastes consonantais e vocálicos, a interpretação dos ditongos, a estrutura silábica e a atribuição de acento. Os processos fonológicos de nasalização, pós-aspiração e de abertura vocálica são discutidos nas subseções finais das seções sobre consoantes e vogais.

2. Procedimentos metodológicos

Utilizamos uma base de dados da variedade *Karipuna* do subprojeto para a elaboração de dicionários online da língua *kheuól* do Uaçá. Inicialmente, as bases de dados foram construídas a partir da elicitación de 1400 entradas para a variedade *Karipuna*. Cada entrada contém exemplos de frases de uso, enunciadas pelos próprios falantes, com áudio da entrada e da sentença. As entradas, gravadas três vezes em isolamento e três vezes em frases, foram divididas em quatorze campos semânticos, a saber: termos de parentesco, natureza, estados, cores, ações físicas, movimentos, tempo, plantas, animais, partes do corpo, cultura, comida, sociedade e numerais. Essa base elicitada foi inserida no programa FLE³ de construção de bases de dados linguísticos. As entradas elicitadas são uma adaptação daquelas encontradas no site <https://semdom.org/>,⁴ que contém a mesma estrutura de campos semânticos do FLE.

Metade das gravações foi realizada com o gravador Zoom, e a outra metade, com aplicativos de celulares. O formato de arquivo é wav. Para os propósitos deste trabalho, que não envolve análises fonéticas, entendemos que a qualidade dos dados é adequada. Ademais,

² Mesmo local de nascimento e residência de uma das pessoas autoras deste trabalho, falante nativa de *kheuól* *Karipuna*.

³ Disponível em <https://software.sil.org/fieldworks/download/>. Acesso em 05/03/2024.

⁴ Acesso em 05/03/2024.

como supracitado, uma das pessoas autoras deste trabalho é falante nativa de kheuól Karipuna, o que ajuda a garantir julgamentos linguísticos mais robustos. De maneira complementar, uma base de dados secundários também construída no FLEx, com 104 textos e 3274 entradas, que compõe um apanhado de todo o material escrito publicado e disponível sobre o kheuól do Uaçá, também foi consultada para aclarar algumas questões.

3. Consoantes

Tabela 1. Fonemas consonantais do kheuól Karipuna (alofones entre parênteses)⁵

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p b (p ^h) (b ^h)		t d (t ^h) (d ^h)			k g (k ^h) (g ^h)	
Nasal	m		n		(ɲ)	(ŋ)	
Tepe			r				
Fricativa		f v (v ^h)	s z	ʃ ʒ			h
Aproximante					j	w	
Lateral aproximante			l				
Africada				tʃ dʒ			

O kheuól tem 21 consoantes fonêmicas. As consoantes pós-aspiradas (cf. seção 3.9.) e as nasais [ɲ] e [ŋ] (cf. seção 3.8.) são alofones. O tepe /r/ é limitado ao léxico não proveniente do francês (cf. seção 3.4.). As africadas e as fricativas, embora tenham distribuições restritas a poucos contextos em alguns casos, não apresentam condicionamento aparente, logo são fonemas (cf. seção 3.6.).

A sílaba pode ter quatro posições: duas pré-vocálicas (ataque), uma vocálica (núcleo) e outra pós-vocálica (coda) (cf. seção 6.). Todas as consoantes ocorrem na primeira posição pré-vocálica (exceto a nasal [ŋ] e o tepe /r/); somente as líquidas /l/, /r/, os glides /j/ e /w/ e a fricativa glotal /h/ ocorrem na segunda posição pré-vocálica; vogais orais e nasais podem ocorrer na posição vocálica; por fim, todas as consoantes, com exceção do alofone nasal [ɲ] e do tepe /r/ são atestadas em posição de coda.

Interpretamos a fricativa /h/ em segunda posição pré-vocálica como articulação secundária alofônica de algumas consoantes, e não como uma consoante plena em segunda posição pré-vocálica C. Essa fricativa é a única consoante que pode coocorrer com a aproximante /w/, interpretada como consoante, que ocorre em segunda posição de ataque (1). A interpretação da fricativa /h/ como consoante plena geraria o padrão silábico *CCCV, inexistente em kheuól (cf. seção 3.7.). Ademais, (1a) pode variar com a supressão de /h/ em articulação secundária. Quando /h/ assume uma posição esquelética, essa variação não ocorre (1b). O contraste /h/ suprimível e não suprimível é capturado pelas diferentes representações, a saber, /h/ em articulação secundária, e /h/ como consoante plena em segunda posição consonantal de ataque, respectivamente (cf. seção 3.9.).

⁵ A ordem de apresentação de pontos e modos de articulação segue aquela apresentada no *The International Phonetic Alphabet* (2005), com a adição das africadas na última linha da tabela.

- | | | | |
|------|--|----------------------|-------------------------|
| (1a) | [^h p ^w i]~[p ^w i]
/CCV/ | / ^h phwi/ | ‘fixar, prender, preso’ |
| (1b) | [^h bha]~*['ba] | / ^h bha/ | ‘braço’ |
| | [^h bhãf]~*['bãf] | / ^h bhãf/ | ‘galho, talo’ |

Apresentamos a distribuição consonantal levando em conta a presença em início e final de palavra, em início e final de sílaba, em contexto tônico ou átono. Comentamos quaisquer restrições de distribuição que indique condicionamento. Consideramos alofones somente aqueles com distribuição categoricamente restritas. Para atestar contraste, apresentamos pares mínimos e análogos de acordo com os princípios da similaridade fonética (Pike 1947), na falta deles, caso a distribuição do fone não apresente nenhuma restrição alofônica demonstrável, o consideramos fonema. Capturamos os processos fonológicos através do modelo da Geometria de Traços (Clements; Hume 1995), que prevê organização autosegmental e hierárquica de traços fonológicos. Os processos fonológicos descritos neste trabalho são: nasalização de /j/ e de /g/ pós-vogal nasal, pós-aspiração consonantal com /h/ pré-/w/ em ataque silábico e abertura vocálica das vogais médias /e, o/ em posição pretônica antes de sílaba com vogais abertas /ɛ, ɔ/.

3.1. Oclusivas

A oclusiva bilabial desvozeada /p/ ocorre no início e no final de palavras, no início de sílabas; em sílabas átonas e tônicas. /p/ só ocorre em posição de coda em sílabas tônicas. Em *kheuól*, o acento recai na última sílaba da palavra.

- | | | | |
|-----|--------------|--------------|-------------|
| (1) | [pe. 'je] | /pe. 'je/ | ‘pescar’ |
| | ['kap] | / 'kap/ | ‘casulo’ |
| | [e. 'kip] | /e. 'kip/ | ‘grupo’ |
| | ['pɛ] | / 'pɛ/ | ‘medo’ |
| | [pa.li. 'ka] | /pa.li. 'ka/ | ‘pirapema’ |
| | [pa.si. 'ãs] | /pa.si. 'ãs/ | ‘paciência’ |

A oclusiva bilabial vozeada /b/ ocorre nos mesmos ambientes que /p/.

- | | | | |
|-----|--------------|--------------|-----------|
| (2) | [bu.kã. 'nẽ] | /bu.kã. 'nẽ/ | ‘moquear’ |
| | ['bab] | / 'bab/ | ‘barba’ |
| | [gwa. 'rib] | /gwa. 'rib/ | ‘bugio’ |
| | ['bõ] | /bõ/ | ‘bom’ |
| | ['biʃ] | / 'biʃ/ | ‘veado’ |

Pares mínimos e análogos entre /p/ e /b/, em ataque e coda silábica:

(3)	['pat]	/'pat/	‘pata’
	['bat]	/'bat/	‘bater, surrar’
	['kap]	/'kap/	‘casulo’
	['khab]	/'khab/	‘caranguejo’

A oclusiva alveolar desvozeada /t/ ocorre no início e no final de sílabas; no início e no final de palavra; em sílabas átonas e tônicas. Pode ocorrer em posição de coda em sílabas átonas e tônicas.

(4)	[ta.pi.'ɔk]	/ta.pi.'ɔk/	‘tapioca’
	[te.'te]	/te.'te/	‘seio’
	[fu.'ʃɛt]	/fu.'ʃɛt/	‘garfo’
	[ʃu.'pet]	/ʃu.'pet/	‘chupeta’
	[kõ.tãt.'mã]	/kõ.tãt.'mã/	‘alegria, amor’

A oclusiva alveolar vozeada /d/ ocorre no início e no final de sílabas; no início e no final de palavra; em sílabas átonas e tônicas. Ocorre em posição de coda em sílaba tônica e átona.

(5)	[de.ko.'le]	/de.ko.'le/	‘decolar’
	[de.vi.'de]	/de.vi.'de/	‘derramar’
	['de]	/'de/	‘dois’
	[kõ.dã.'nẽ]	/kõ.dã.'nẽ/	‘condenar’
	[do.'had]	/do.'had/	‘dourado (peixe)’
	['hɛd]	/'hɛd/	‘rígido, rigidez’
	[ʒɔd.'la]	/ʒɔd.'la/	‘hoje’
	[pud.'bwa]	/pud.'bwa/	‘cupim’
	[ka.the vẽ 'dis]	/ka.the vẽ 'dis/	‘noventa’

Pares mínimos e análogos entre /t/ e /d/:

(6)	[ga.'te]	/ga.'te/	‘desperdiçar’
	[ga.'de]	/ga.'de/	‘contemplar’
	['tẽn]	/tẽn/	‘cumatê’
	['dẽn]	/'dẽn/	‘peru’
	['tã]	/'tã/	‘período’, ‘mundo’
	['dã]	/'dã/	‘dente’
	['zɔt]	/'zɔt/	‘vocês’
	['zɔd]	/'zɔd/	‘autoridade’

A oclusiva velar desvozeada /k/ ocorre no início e no final de sílabas; no início e no final de palavra; em sílabas átonas e tônicas. Ocorre em posição de coda em sílaba tônica e átona.

(7)	['kaz]	/kaz/	‘casa’
	[ka.'fe]	/ka.'fe/	‘café’
	[a.vo.'ka]	/a.vo.'ka/	‘advogado’, ‘abacate’
	[ka.ba.'su]	/ka.ba.'su/	‘tatu’
	['sak]	/'sak/	‘saco’
	['bɛk]	/'bɛk/	‘bico’
	[vak.'sin]	/vak.'sin/	‘vacinação’

A oclusiva velar vozeada /g/ ocorre no início e no final de palavras; no início de sílabas; em sílabas átonas e tônicas. Ocorre em posição de coda somente em sílaba tônica.

(8)	['gɔʒ]	/'gɔʒ/	‘pescoço’
	[b ^h wi.'ga]	/b ^h wi.'ga/	‘brigar, luta’
	[a.gã.'mĩ]	/a.gã.'mĩ/	‘jacamim’
	[go.'ble]	/go.'ble/	‘copo’
	['lag]	/'lag/	‘lago’
	['mɛg]	/'mɛg/	‘magro’

Pares mínimos e análogos entre /k/ e /g/:

(9)	[ka.'te]	/ka.'te/	‘espalhar’
	[ga.'te]	/ga.'te/	‘desperdiçar’
	[ko.'ko]	/ko.'ko/	‘coco’
	[go.'go]	/go.'go/	‘ânus’
	['ak]	/'ak/	‘ácido’
	['lag]	/'lag/	‘lago’

3.2. Nasais

/m/ é uma nasal bilabial vozeada que ocorre no início, no final de palavra e no início de sílabas. Em posição de coda ocorre somente em sílaba tônica.

(10)	['mil]	/'mil/	‘mil’
	[mu.'hi]	/mu.'hi/	‘morrer’
	[ã.miz.'mã]	/ã.miz.'mã/	‘amizade’
	[ha.ma.'se]	/ha.ma.'se/	‘agrupar, amontoar’
	[ma.ha.'ka]	/ma.ha.'ka/	‘maracá’
	['fãm]	/'fãm/	‘mulher, esposa’
	['lim]	/'lim/	‘lima’
	[fi.'ãm]	/fi.'ãm/	‘estável, firme’

/n/ é uma nasal alveolar vozeada que ocorre no início e no final de sílaba; no início e no final de palavra. Em posição de coda ocorre em sílaba tônica e átona.

(11)	['nak]	/'nak/	‘arco’
	['nẽ]	/'nẽ/	‘nariz’
	[nã.'nã]	/nã.'nã/	‘abacaxi’
	[ni.'ve]	/ni.'ve/	‘sobrinho’
	[koh.de.na.'sjõ]	/koh.de.na.'sjõ/	‘coordenação’
	[na.vi.'dʒe]	/na.vi.'dʒe/	‘navegar’
	[ã.'tãn]	/ã.'tãn/	‘ansiar’
	['fin]	/'fin/	‘fino’
	[bãn.'sab]	/bãn.'sab/	‘areia’

Pares mínimos e análogos entre /m/ e /n/, em ataque e coda:

(12)	['mɛt]	/'mɛt/	‘fita métrica’
	['nɛt]	/'nɛt/	‘limpo’
	[mã.'mã]	/mã.'mã/	‘mãe, mamãe’
	[nã.'nã]	/nã.'nã/	‘abacaxi’
	[ã.'mak]	/ã.'mak/	‘rede’
	['nak]	/'nak/	‘arco’
	['jãm]	/'jãm/	‘inhame’
	['jãn]	/jãn/	‘cipó’

[ɲ] é uma nasal palatal vozeada que ocorre em ataque silábico somente antes de /ẽ/ e /õ/ e após qualquer outra vogal nasal em outra sílaba. Não ocorre em início de palavra nem em posição de coda silábica. Ocorre somente em sílabas tônicas, onde está em distribuição complementar com a aproximante palatal /j/.

(13)	[gã.'ɲẽ]	/gã.'jẽ/	‘ter, conquista’
	[a.hẽ.'ɲẽ]	/a.hẽ.'jẽ/	‘aranha’
	[mõ.'ɲẽ]	/mõ.'jẽ/	‘dedo médio’
	[ghĩ.'ɲõ]	/ghĩ.'jõ/	‘fralda’
	[zõ.'ɲõ]	/zõ.'jõ/	‘cebola’

[ŋ] é uma nasal velar vozeada que ocorre somente em coda silábica, em posição tônica final. Está em distribuição complementar com a oclusiva velar vozeada /g/.

(14)	['lãŋ]	/lãg/	‘língua’
	['mãŋ]	/'mãg/	‘manga’
	['zõŋ]	/'zõg/	‘unha’
	[pa.ku.'tãŋ]	/pa.ku.'tãg/	‘pacu’
	['lõŋ]	/lõg/	‘longo’

3.3. Fricativas

/f/ é uma fricativa labiodental desvozeada que ocorre no início e no final de palavras e no início e no final de sílabas. Ocorre em coda em sílabas átonas e tônicas.

(15)	['fɛ]	/'fɛ/	‘fazer’
	['fõ]	/'fõ/	‘fundo’
	['fɔ]	/'fɔ/	‘forte’
	[fõ.'mĩ]	/fõ.'mĩ/	‘formiga’
	[fa.ʃĩ.'ge]	/fa.ʃĩ.'ge/	‘cansado, cansativo’
	[dʒi.fi.'sil]	/dʒi.fi.'sil/	‘difícil’, ‘estreitar’
	['nɛf]	/'nɛf/	‘nove’
	[o.bi.ʒe.'ʃif]	/o.bi.ʒe.'ʃif/	‘objetivo’
	[nɛf.'sã]	/nɛf.'sã/	‘novecentos’

/v/ é uma fricativa labiodental vozeada que ocorre no início e no final de sílabas e no início e final de palavras. Em posição de coda somente ocorre em sílabas tônicas. Não há ocorrências de /v/ antes de /u/.

(16)	['vẽ]	/ 'vẽ/	‘vinte’
	['vit]	/ 'vit/	‘ágil, rápido, veloz, acelerado’
	[thu. 've]	/thu. 've/	‘achar’
	[ĩ.va. 'lid]	/ĩ.va. 'lid/	‘paralítico’
	[va.ka. 'bõ]	/va.ka. 'bõ/	‘vagabundear’
	['ghav]	/ 'ghav/	‘grave’
	[ba. 'kov]	/ba. 'kov/	‘banana’
	[muv. 'mã]	/muv. 'mã/	‘movimento’

Pares mínimos e análogos entre /f/ e /v/:

(17)	['fã]	/ 'fã/	‘manso, amansar’
	['vã]	/ 'vã/	‘vento’
	['fẽ]	/ 'fẽ/	‘faminto’
	['vẽ]	/ 'vẽ/	‘vinte’
	[la. 'fĩ]	/la. 'fĩ/	‘espreitar’
	[la. 'vi]	/la. 'vi/	‘vida’
	['fwi]	/ 'fwi/	‘fritar, frito’, ‘fruta’
	[de.khu. 'v ^h wi]	/de.khu. 'v ^h wi/	‘descobrir’
	['v ^h wi]	/ 'v ^h wi/	‘pintado (peixe)’
	[lo. 'v ^h wi]	/lo. 'v ^h wi/	‘abrir’

/s/ é uma fricativa alveolar desvozeada que ocorre no início e no final de sílabas e no início e final de palavras. Ocorre em coda em posições átonas e tônicas.

(18)	['sɛk]	/ 'sɛk/	‘seco, secar’
	['sẽ]	/ 'sẽ/	‘santo’
	[sa. 'se]	/sa. 'se/	‘procurar, explorar, vasculhar’
	[ka.ba. 'su]	/ka.ba. 'su/	‘tatu’
	[fa.si.li. 'te]	/fa.si.li. 'te/	‘facilitar’
	['bas]	/ 'bas/	‘baixo’
	[pe. 'das]	/pe. 'das/	‘pedaço, fatia’
	[sus. 'phãn]	/sus. 'phãn/	‘surpresa’
	[hes.põ.sa.bi.li. 'te]	/hes.põ.sa.bi.li. 'te/	‘responsabilidade’

/z/ é uma fricativa alveolar vozeada que ocorre no início e no final de sílabas e no início e no final de palavras. Ocorre em coda em posições átonas e tônicas.

(19)	['zɔd]	/'zɔd/	‘autoridade’
	['zãʒ]	/zãʒ/	‘anjo’
	[ku.'zẽ]	/ku.'zẽ/	‘primo’
	[po.zi.'sjõ]	/po.zi.'sjõ/	‘posição’
	[de.za.fi.'e]	/de.za.fi.'e/	‘incitar’
	[za.hi.'ko]	/za.hi.'ko/	‘feijão’
	['kaz]	/'kaz/	‘casa’
	['duz]	/'duz/	‘doze’
	[ã.miz.'mã]	/ã.miz.'mã/	‘amizade’

Pares mínimos e análogos entre /s/ e /z/:

(20)	['so]	/'so/	‘dele, dela’
	['zo]	/'zo/	‘ossos’
	[pẽ.'sẽ]	/pẽ.'sẽ/	‘beliscar’
	[pe.'ze]	/pe.'ze/	‘pesar’
	['dus]	/'dus/	‘doce, açucarado’
	['duz]	/'duz/	‘doze’

/ʃ/ é uma fricativa pós-alveolar desvozeada que ocorre no início e no final de sílabas e no início e no final de palavras. Ocorre em coda em posições átonas e tônicas.

(21)	['ʃa]	/'ʃa/	‘chá’
	['ʃat]	/'ʃat/	‘gato’
	[tu.'ʃe]	/tu.'ʃe/	‘mexer, provocar’
	[ʃɛ.'vwɛt]	/ʃɛ.'vwɛt/	‘camarão’
	[ʃo.ko.'la]	/ʃo.ko.'la/	‘chocolate’, ‘marrom’
	['flɛʃ]	/'flɛʃ/	‘flecha’
	[bo.'haʃ]	/bo.'haʃ/	‘borracha’
	[aʃ.'te]	/aʃ.'te/	‘adquirir’
	[a.kuʃ.'mã]	/a.kuʃ.'mã/	‘parto’

/ʒ/ é uma fricativa pós-alveolar vozeada que ocorre no início e no final de sílabas e no início e no final de palavras. Em coda há ocorrência em ambientes átonos e tônicos.

(22)	['ʒa]	/'ʒa/	‘bebedouro’
	[gha.'ʒe]	/gha.'ʒe/	‘ralar’
	[ʒã.'be]	/ʒã.'be/	‘atravessar’
	[ʒo.gha.'fi]	/ʒo.gha.'fi/	‘geografia’
	['zãʒ]	/'zãʒ/	‘anjo’
	[ba.'haʒ]	/ba.'haʒ/	‘obstáculo’
	[lɔʒ.'mã]	/lɔʒ.'mã/	‘abrigo’

Pares mínimos e análogos entre /ʃ/ e /ʒ/, em ataque e coda:

(23)	['ʃa]	/'ʃa/	‘chá’
	['ʒa]	/'ʒa/	‘bebedouro’
	['ʃak]	/'ʃak/	‘cada’
	['ʒak]	/'ʒak/	‘jaca’
	['haʃ]	/'haʃ/	‘machado’
	[ã.'haʒ]	/ã.'haʒ/	‘raiva, aborrecido, agressivo’
	[bo.'haʃ]	/bo.'haʃ/	‘borracha’
	[ba.'haʒ]	/ba.'haʒ/	‘obstáculo’

/h/ é uma fricativa glotal desvozeada que ocorre no início de sílabas e em final de sílabas. Não ocorre em final de palavras e, por conseguinte, não ocorre em sílaba tônica quando em coda.

(24)	['ha]	/'ha/	‘raro’
	['hõ]	/'hõ/	‘redondo’
	[a.'ha]	/a.'ha/	‘arara’
	[hã.'ʒe]	/hã.'ʒe/	‘arranjar, consertar, arrumar, arrumado’
	[hu.su.'ve]	/hu.su.'ve/	‘atender’
	['ah.tʃĩ]	/'ah.tʃĩ/	‘arte’
	[muh.'mã]	/muh.'mã/	‘evento’
	[oh.ga.ni.'ze]	/oh.ga.ni.'ze/	‘organizar’

Pares mínimos e análogos entre /h/ e as fricativas /ʃ/, /ʒ/, /s/, /z/, /f/, /v/, em ataque:

(25)	['ha]	/ 'ha/	‘raro’
	['ja]	/ 'ja/	‘chá’
	['za]	/ 'za/	‘bebedouro’
	[ha. 'le]	/ha. 'le/	‘puxar, puxão’
	[sa. 'le]	/sa. 'le/	‘salgar, salgado’
	[va. 'le]	/va. 'le/	‘ingerir, engolir’
	['hot]	/ 'hot/	‘alto’
	['zot]	/ 'zot/	‘vocês’
	['hõ]	/ 'hõ/	‘redondo’
	['fõ]	/ 'fõ/	‘fundo’, ‘testa’

/h/ também ocorre em segunda posição em ataque silábico, assim como as consoantes /l/, /r/, /j/ e /w/. Quando antes de /w/ em ataque silábico, /h/ engatilha pós-aspiração da consoante seguinte (27), sendo interpretada como articulação secundária da consoante em primeira posição (cf. seção 3.9.).

(26)	['phɔp]	/ 'phɔp/	‘limpo’
	['bha]	/ 'bha/	‘braço’
	['thu]	/ 'thu/	‘buraco’
	['thip]	/thip/	‘intestino’
	[kõ.tha. 'je]	/kõ.tha. 'je/	‘contrariar’
	['dhɔl]	/ 'dhɔl/	‘engraçado’
	[dhe. 'se]	/dhe. 'se/	‘curar, curado’
	[ma.dhi. 'je]	/ma.dhi. 'je/	‘madeira’
	['khe]	/ 'khe/	‘acreditar’
	['khis]	/ 'khis/	‘convulsão’
	[gha. 'ze]	/gha. 'ze/	‘ralar’
(27)	[de.khu. 'v ^h wi]	/de.khu. 'v ^h wi/	‘descobrir’
	['v ^h wi]	/ 'v ^h wi/	‘pintado (peixe)’
	[lo. 'v ^h wi]	/lo. 'v ^h wi/	‘abrir’
	[b ^h wi. 'ga]	/b ^h wi. 'ga/	‘brigar, luta’

3.4. Tepe

/r/ é um tepe alveolar que ocorre em início e segunda posição de ataque silábico, nas sequências /fr/ e /pr/. Não ocorre em início⁶, nem em final de palavra. Ocorre em início de

⁶ O tepe também não ocorre em início de palavra em português brasileiro, L2 dos falantes consultados.

ataque silábico em posição tônica e átona. Em segunda posição de ataque, ocorre apenas em sílaba tônica. Seguem abaixo as únicas ocorrências do tepe em todo o *corpus* (28). O tepe ocorre apenas em nomes. Não encontramos pares mínimos. Este fonema parece ser restrito a palavras que não são de origem francesa⁷.

(28)	[gwa.'rib]	/gwa.'rib/	‘bugio’
	[ku.ra.'fwɛ]	/ku.ra.'fwɛ/	‘sabiá’
	[ma.ra.kã.'nã]	/ma.ra.kã.'nã/	‘maracanã’
	[ma.ra.ka.'ʒa]	/ma.ra.ka.'ʒa/	‘gato-maracajá’
	['friz]	/ 'friz/	‘freezer’
	['prɔv]	/ 'prɔv/	‘prova’

3.5. Lateral aproximante

/l/ é uma consoante lateral aproximante que ocorre em início e final de sílaba, em posição átona e tônica. Também ocorre em início e final de palavra.

(29)	['lɔ]	/ 'lɔ/	‘ouro’
	[a.'le]	/a.'le/	‘partir, seguir’
	[la.'ge]	/la.'ge/	‘largar, dispensar, solto’
	[la.hɔ.'sjɛl]	/la.hɔ.'sjɛl/	‘céu’
	['sal]	/ 'sal/	‘sujar, sujo, poluição’
	[ku.tu.'vɛl]	/ku.tu.'vɛl/	‘cotovelo’
	[bɛl.'fi]	/bɛl.'fi/	‘nora’

Pares mínimos e análogos entre /l/ e as coronais /t/, /d/, /s/, /z/ e /n/:

(30a)	[ko.'le]	/ko.'le/	‘grudar, pendurar’
	[ko.'te]	/ko.'te/	‘lugar’
	[lo.'haz]	/lo.'haz/	‘trovejar, trovão’
	[do.'had]	/do.'had/	‘dourado (peixe)’
	['lɔ]	/ 'lɔ/	‘ouro’
	['sɔ]	/ 'sɔ/	‘irmã’
	['lõŋ]	/ 'lõŋ/	‘longo’
	['zõŋ]	/ 'zõŋ/	‘unha’
	[la.'tɛ]	/la.'tɛ/	‘terra’
	[na.'te]	/na.'te/	‘trançar, trançado’

⁷ Em Tobler (1983: 89), há dois exemplos, bugio [gwa.'rib], que também apresentamos, e cravo ['krav] (*clove* no original em inglês). ['krav] é de origem portuguesa, uma vez que, em francês, a tradução é *clou*.

/l/ também ocorre em segunda posição de ataque silábico formando as sequências /pl/, /bl/, /kl/, /gl/ e /fl/.

(30b)	['plim]	/ 'plim/	‘pena’
	['ble]	/ 'ble/	‘azul’
	[thã. 'ble]	/thã. 'ble/	‘tremar, estremecer’
	[ze. 'klɛ]	/ze. 'klɛ/	‘raio’
	[kle. 'he]	/kle. 'he/	‘iluminar’
	[he.klã. 'mẽ]	/he.klã. 'mẽ/	‘reclamar, protestar’
	[kla.si.fi. 'ke]	/kla.si.fi. 'ke/	‘classificar’
	[le. 'gliz]	/le. 'gliz/	‘igreja’
	[gli. 'se]	/gli. 'se/	‘deslizar, escorregar’
	['fleʃ]	/ 'fleʃ/	‘flecha’
	[su. 'fle]	/su. 'fle/	‘assobiar, assobio’
	[flo. 'hi]	/flo. 'hi/	‘florescer’

3.6. Africadas

/tʃ/ é uma africada pós-alveolar desvozeada que ocorre em início de sílaba em posição átona e tônica. Ocorre em início de palavra. Não ocorre antes de /a/ nem em final de sílaba. Ocorre de maneira numericamente desproporcional antes de /i/.

(31)	['tʃɔ]	/ 'tʃɔ/	‘coração’
	[pi. 'tʃe]	/pi. 'tʃe/	‘picar, cutucar’
	[pi. 'tʃi]	/pi. 'tʃi/	‘pequeno’
	[a.tʃi. 'pa]	/a.tʃi. 'pa/	‘tamuatá’
	[ĩ.tʃu. 'pe]	/ĩ.tʃu. 'pe/	‘cuidar, cuidado’
	[sa.tʃis.fa. 'sjõ]	/sa.tʃis.fa. 'sjõ/	‘orgulho’

/dʒ/ é uma africada pós-alveolar vozeada que ocorre em início de sílaba em posição átona e tônica. Ocorre em início de palavra. Não ocorre antes de /u, o, ɔ/ nem em final de sílaba. Tem alta incidência antes de /i/.

(32)	['dʒal]	/ 'dʒal/	‘namorar’
	[bla. 'dʒe]	/bla. 'dʒe/	‘discutir’
	[so. 'dʒɛ]	/so. 'dʒɛ/	‘panela’
	['dʒis]	/ 'dʒis/	‘dez’
	[he. 'dʒi]	/he. 'dʒi/	‘esticar’
	[dʒi. 'let]	/dʒi. 'let/	‘leite’
	[dʒi.fi. 'sil]	/dʒi.fi. 'sil/	‘difícil, estreitar’

Pares análogos entre /ʃ/ e /dʒ/:

(33)	[pi.'ʃĩ]	/pi.'ʃĩ/	‘pequeno’
	[pe.'dʒi]	/pe.'dʒi/	‘perder’, ‘perdiz’
	[pa.'ʃĩ]	/pa.'ʃĩ/	‘partir’
	[ho.'ʃĩ]	/ho.'ʃĩ/	‘assar’
	[he.'dʒi]	/he.'dʒi/	‘esticar’
	[ʃĩk]	/ʃĩk/	‘carrapatos’
	[dʒi]	/dʒi/	‘de’
	[bu.'ʃe]	/bu.'ʃe/	‘flor’
	[bõ.'dʒe]	/bõ.'dʒe/	‘deus’

3.7. Aproximantes

/w/ é uma aproximante lábio-velar que ocorre em início e final de sílaba em contexto átono e tônico. Também ocorre em início e final de palavras. Ocorre em coda somente em sílaba tônica.

(34)	[ʷi]	/ʷi/	‘sim’
	[wa.'sej]	/wa.'sej/	‘açai’
	[wa.ha.'ku]	/wa.ha.'ku/	‘aracu’
	[wis.'ki]	/wis.'ki/	‘uísque’
	[ka.ka.'wo]	/ka.ka.'wo/	‘cacau’
	[ma.ka.'hãw]	/ma.ka.'hãw/	‘macarrão’
	[ʷaw.ko]	/ʷaw.ko/	‘álcool’

/w/ ocorre na maioria dos casos após a primeira consoante do ataque. Isso impõe uma questão interpretativa: /w/ seria, nesse caso, uma consoante com posição própria parte de um ataque complexo (Cw), seria a articulação secundária da consoante precedente (C^w) ou faria parte do núcleo em um ditongo crescente (CwV)? Defendemos a primeira opção. O que diferencia /w/ das demais consoantes que ocorrem em segunda posição, como /j/, /h/, /l/ e /r/, é que /w/ pode co-ocorrer com ao menos uma delas, o /h/ (36). Nos casos abaixo podemos dizer que /w/ faz parte do ataque (seria esdrúxulo propor um padrão CCCV exclusivo). A opção mais econômica é considerar o /w/ nesses casos como segunda consoante e o /h/ anterior como articulação secundária da primeira consoante. Uma sílaba como /ʷhwi/ teria a estrutura CCV e seria pronunciada [ʷ^hwi].

(35)	['pwɛv]	/'pwɛv/	‘cominho’
	[es. 'pwa]	/es. 'pwa/	‘esperança’
	[pwẽ. 'ʃĩ]	/pwẽ. 'ʃĩ/	‘pontagudo’
	['bwɛ]	/'bwɛ/	‘beber’
	[dã. 'bwa]	/dã. 'bwa/	‘floresta, mata, natureza’
	[bwe. 'te]	/bwe. 'te/	‘manco’
	[iʃ. 'twa]	/iʃ. 'twa/	‘história’
	[zɛ. 'twɛl]	/zɛ. 'twɛl/	‘estrela’
	[ne.twaj. 'aʒ]	/ne.twaj. 'aʒ/	‘asseio’
	['dwɛt]	/'dwɛt/	‘dedo’
	['kwak]	/'kwak/	‘farinha de mandioca’
	[bis. 'kwi]	/bis. 'kwi/	‘biscoito’
	[kwa. 'ʃĩ]	/kwa. 'ʃĩ/	‘quati’
	[kwẽ. 'se]	/kwẽ. 'se/	‘encostar’
	[gwa. 'rib]	/gwa. 'rib/	‘bugio’
	['nwaʒ]	/'nwaʒ/	‘nuvem’
	['nwit]	/'nwit/	‘noite’
	[ta.mã. 'nwa]	/ta.mã. 'nwa/	‘tamanduá’
	['lwẽ]	/'lwẽ/	‘longe, longínquo’
	[ka.lwe. 'hu]	/ka.lwe. 'hu/	‘curimatã’
	['fwi]	/'fwi/	‘fritar, frito’, ‘fruta’
	[bo. 'fwɛ]	/bo. 'fwɛ/	‘cunhado’
(36)	[a. 'p ^h wɛ]	/a. 'p ^h wɛ/	‘após’
	[p ^h wɛ. 'se]	/p ^h wɛ. 'se/	‘apressado’
	[lõ. 'b ^h wi]	/lõ. 'b ^h wi/	‘umbigo’
	[b ^h wi. 'ga]	/b ^h wi. 'ga/	‘brigar, luta’
	[la. 'k ^h wɛ]	/la. 'k ^h wɛ/	‘cruz’
	['v ^h wi]	/'v ^h wi/	‘pintado (peixe)’
	[lo. 'v ^h wi]	/lo. 'v ^h wi/	‘abrir’
	[de.khu. 'v ^h wi]	/de.khu. 'v ^h wi/	‘descobrir’

/j/ é uma aproximante palatal que ocorre em início e final de sílaba em contexto átono e tônico. Também ocorre em início e final de palavras. Ocorre em coda em sílabas átonas e tônicas.

(37)	['je]	/'je/	‘eles, deles’
	['jãm]	/'jãm/	‘inhame’
	[a. 'jɛ]	/a. 'jɛ/	‘ontem’
	[ja. 'ja]	/ja. 'ja/	‘lambari’
	[bu. 'jõ]	/bu. 'jõ/	‘caldo’
	['baj]	/'baj/	‘dar, proporcionar’
	[mõ. 'tãj]	/mõ. 'tãj/	‘montanha’
	[so. 'lej]	/so. 'lej/	‘sol’
	[kaj. 'mã]	/kaj. 'mã/	‘jacaré’
	[maj.pu. 'hi]	/maj.pu. 'hi/	‘anta’

/j/ também pode ocorrer como segundo segmento de um ataque complexo em ambientes tônicos e átonos.

(38)	['pjã]	/'pjã/	‘gambá’
	[la. 'bjɛ]	/la. 'bjɛ/	‘cerveja’
	[li.bja. 'te]	/li.bja. 'te/	‘libertar, liberdade’
	[a.mja. 'se]	/a.mja. 'se/	‘intimidar’
	[muɸ. 'mjɛl]	/muɸ. 'mjɛl/	‘abelha’
	[a.va.lja. 'sjõ]	/a.va.lja. 'sjõ/	‘avaliação’
	[fja. 'mez]	/fja. 'mez/	‘firmeza’
	[la.hi. 'vje]	/la.hi. 'vje/	‘rio’
	['vjat]	/'vjat/	‘verde’
	[a.do.ha. 'sjõ]	/a.do.ha. 'sjõ/	‘adoração’
	[kõ.sja. 'vi]	/kõ.sja. 'vi/	‘conservar, preservar’
	['dʒjab]	/'dʒjab/	‘diabo’

Pares análogos entre /j/ e /w/:

(39)	[ja. 'ja]	/ja. 'ja/	‘lambari’
	[wa. 'ha]	/wa. 'ha/	‘tucumã’
	['je]	/'je/	‘eles, deles’
	['wej]	/'wej/	‘olho, ver’

3.8. Nasalização progressiva (/j/ → [ɲ], /g/ → [ŋ])

Ocorre nasalização progressiva da oclusiva velar vozeada quando precedida de vogal nasal na mesma sílaba (40, 41). Ocorre nasalização da aproximante palatal quando precedida por vogal nasal da sílaba anterior (42, 43).

- (40) /g/ → [ŋ] / (V[+nasal]___)σ
- (41) [ˈlãŋ] /lãg/ ‘língua’
 [ˈmãŋ] /ˈmãg/ ‘manga’
 [ˈzõŋ] /ˈzõg/ ‘unha’
 [pa.ku.ˈtãŋ] /pa.ku.ˈtãg/ ‘pacu’
 [ˈlõŋ] /lõg/ ‘longo’
- (42) /j/ → [ɲ] / (V[+nasal])σ.(___)σ
- (43) [gã.ˈɲẽ] /gã.ˈjẽ/ ‘ter, conquista’
 [a.hẽ.ˈɲẽ] /a.hẽ.ˈjẽ/ ‘aranha’
 [mõ.ˈɲẽ] /mõ.ˈjẽ/ ‘dedo médio’
 [ghĩ.ˈɲõ] /ghĩ.ˈjõ/ ‘fralda’
 [zõ.ˈɲõ] /zõ.ˈjõ/ ‘cebola’

A nasalização de /g/ não ocorre intersilabicamente e a nasalização de /j/ não ocorre intrasilabicamente.

- (44) [gã.ˈgã], *[gã.ˈɲã] /gã.ˈgã/ ‘avó’
- (45) [mõ.ˈtãj], *[mõ.ˈtãɲ] /mõ.ˈtãj/ ‘montanha’

Os dois processos são semelhantes. Há o espraiamento valor do traço [+nasal] da vogal precedente para a consoante seguinte engatilhados pelos domínios intrassilábicos, quando o alvo é /g/ (figura 1)⁸, e intersilábico, no caso de /j/ (figura 2). Estas nasalizações configuram um tipo de assimilação que muda apenas o valor de um traço do segmento afetado (*feature-changing assimilation*, nos termos de Clements e Hume (1995)).

⁸ Inserimos apenas os traços mais relevantes dos segmentos nas representações.

Figura 1. Nasalização intrasilábica de /g/

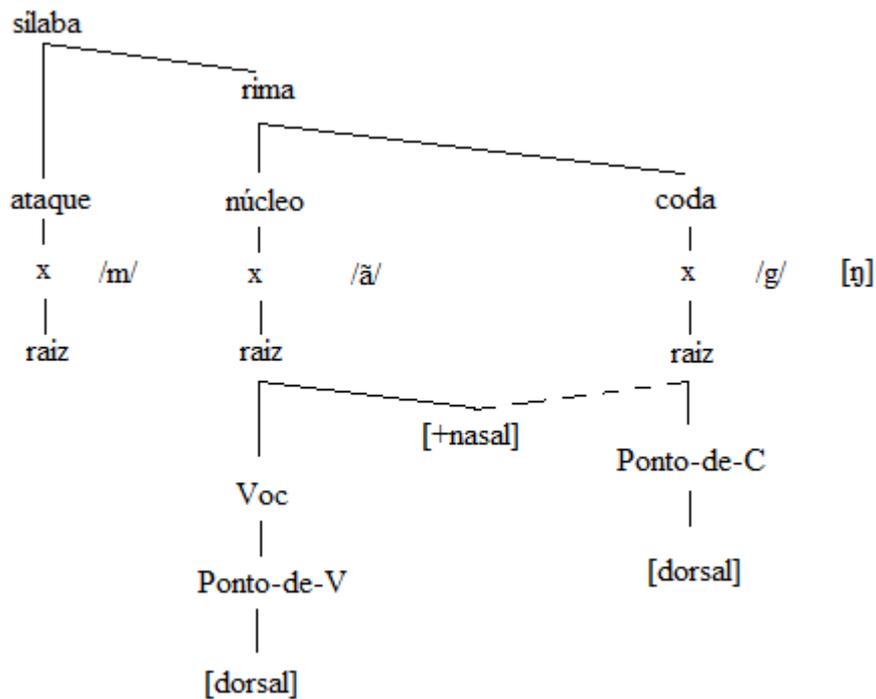
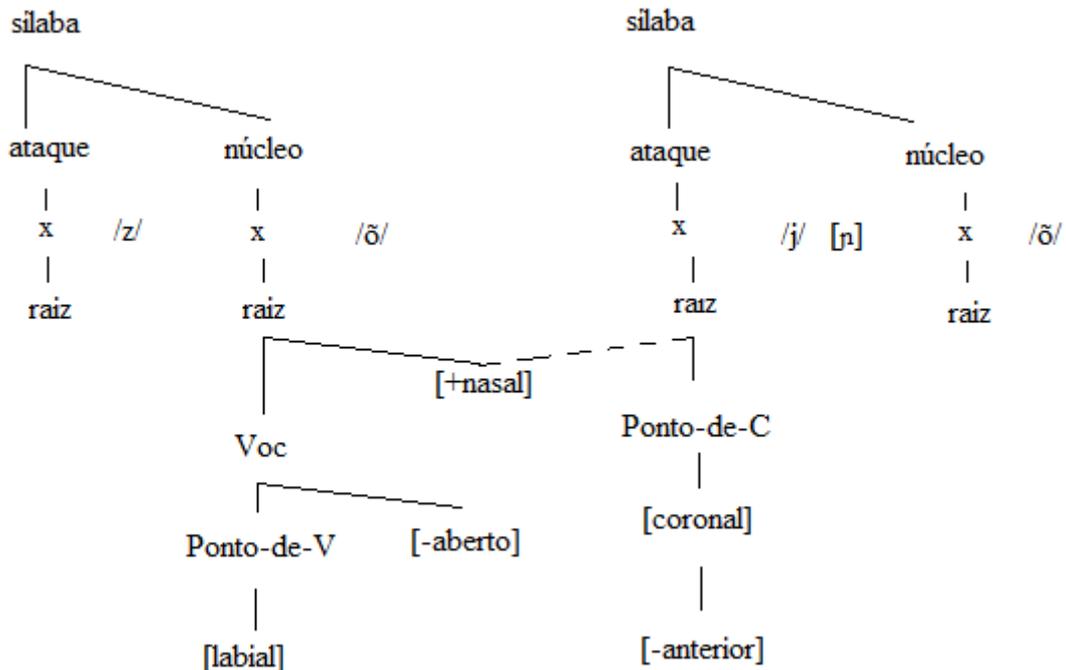


Figura 2. Nasalização intersilábica de /j/

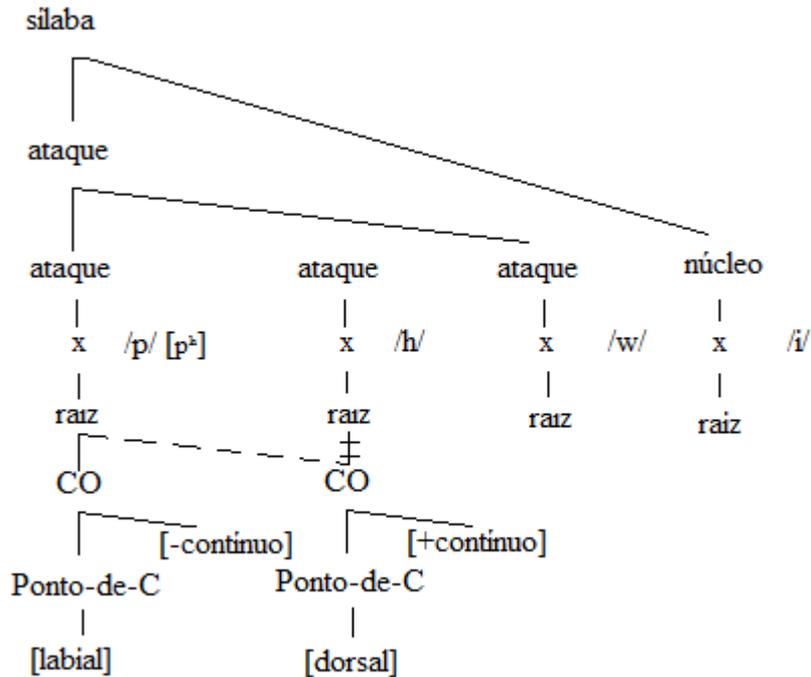


3.9. Pós-aspiração consonantal com /h/ em segunda posição de ataque silábico

A estrutura silábica *CCCV não é permitida em kheuól (cf. seção 6.). Sem lugar no ataque, os traços de Cavidade Oral (CO) /h/ são copiados em uma articulação secundária CO de C, formando C^h. Essa pós-aspiração é um tipo de assimilação que copia em outro segmento toda a estrutura abaixo de CO de um segmento-gatilho (*partial assimilation*).

- (46a) [de.khu.'v^hwi] /de.khu.'vhwi/ ‘descobrir’
 [lo.'v^hwi] /lo.'vhwi/ ‘abrir’
 [b^hwi.'ga] /bhwi.'ga/ ‘brigar, luta’

Figura 3. Pós-aspiração de /p/ e reajuste silábico



Destaque-se que há variação de pronúncia em todas as palavras em (46a), com a supressão da articulação secundária: [de.khu.'v^hwi] ~ [de.khu.'vwi], [v^hwi] ~ [vwi], [lo.'v^hwi] ~ [lo.'vwi], [b^hwi.'ga] ~ [bwi.'ga]. A mesma variação não é possível em palavras em que o /h/ ocupa uma posição no ataque (46b).

- (46b) ['phɔp]~*['pɔp] /'phɔp/ ‘limpo’
 [kõ.'phã̃n]~*[kõ.'pã̃n] /kõ.'phã̃n/ ‘entender, compreender’
 [pho.'mɛt]~*[po.'mɛt] /pho.'mɛt/ ‘prometer’
 [pho.me.'nẽ]~*[po.me.'nẽ] /pho.me.'nẽ/ ‘passar’
 ['bha]~*['ba] /'bha/ ‘braço’
 ['bhã̃f]~*['bã̃f] /'bhã̃f/ ‘galho, talo’

A diferença entre a consoante /h/ que pode ser suprimida e aquela que é estável reside nas diferentes posições esqueléticas que cada uma ocupa na sílaba. Articulações secundárias são o *locus* de sons que podem variar. Em português brasileiro, por exemplo, a distinção entre ditongos flutuantes (beira ~ bera) e não flutuantes (reitor ~ *retor) captura-se através da alocação do glide variável em uma articulação secundária, e do glide não flutuante em uma posição esquelética vocálica plena (Bisol 1994, 2012).

4. Vogais

O inventário do kheuól do Uaçá em sua variedade Karipuna apresenta as vogais orais /a, e, o, i, u, ε, ɔ/ e as nasais /ã, ê, ã, õ, ã/.

Tabela 2. Vogais kheuól Karipuna

	[coronal]/[+nasal]	[labial]/[+nasal]	[dorsal]/[+nasal]
[-aberto]	e/ẽ	o/õ	
[+aberto]	ε	ɔ	a/ã
	i/ĩ	u/ũ	

4.1. Vogal baixa

A vogal baixa anterior /a/ e sua contraparte nasal /ã/ ocorrem em posição tônica e átona. Exibe contraste nasal em ambos os contextos.

(47)	['gha]	/'gha/	‘gordo’
	['ghã]	/'ghã/	‘amplo’
	[ma.'ke]	/ma.'ke/	‘marcar’
	[mã.'ke]	/mã.'ke/	‘errar’
	[pa.'se]	/pa.'se/	‘aprovar’, ‘peneirar’
	[pã.'se]	/pã.'se/	‘pensar’
	['sa]	/'sa/	‘este’
	['sã]	/'sã/	‘cem’
	['ta]	/'ta/	‘tarde, tardio’
	['tã]	/'tã/	‘mundo’, ‘período’
	[tha.'pe]	/tha.'pe/	‘acertar’
	[thã.'pe]	/thã.'pe/	‘molhar, molhado’

4.2. Vogais médias

A vogal média meio-fechada anterior /e/ e sua contraparte nasal /ẽ/ ocorrem em posição átona e tônica. O contraste, via pares análogos, ocorre somente em posições tônicas.

(48)	[vo.'le]	/vo.'le/	‘pular, voar, saltar’
	[vi.'lẽ]	/vi.'lẽ/	‘feio’, ‘lama’
	['ʒwe]	/'ʒwe/	‘brincar, brincadeira’
	['ʒẽ]	/'ʒẽ/	‘nunca’
	[ã.'the]	/ã.'the/	‘entrar’
	['thẽ]	/'thẽ/	‘gemido’, ‘barulhento’
	[dã.'se]	/dã.'se/	‘dança’
	[dã.'jẽ]	/dã.'jẽ/	‘matrinxã’

A vogal média meio-fechada arredondada /o/ e sua contraparte nasal /õ/ ocorrem em posições átonas e tônicas. O contraste de nasalidade ocorre em ambos os contextos.

(49)	[ho.'te]	/ho.'te/	‘arrotar’
	[hõ.'te]	/hõ.'te/	‘envergonhar, envergonhado, timidez’
	['bo]	/'bo/	‘beijo’
	['bõ]	/'bõ/	‘bom’
	['som]	/'som/	‘turvo’
	['sõm]	/'sõm/	‘embaçar, embaçado’

A vogal média meio-aberta /ɛ/ contrasta com a média meio-fechada /e/ somente em posição tônica. A vogal /ɛ/ não tem contraparte nasal.

(50)	[a.'le]	/a.'le/	‘ir, partir, seguir’
	[a.'jɛ]	/a.'jɛ/	‘ontem’
	['fej]	/'fej/	‘folha’
	['fɛ]	/'fɛ/	‘fazer, agir, criar’
	[ko.'le]	/ko.'le/	‘grudar, pendurar’
	[ko.'lɛ]	/ko.'lɛ/	‘aborrer, aborrecido, irritado, brabo, revolta’

A vogal média meio-aberta arredondada /ɔ/ contrasta com a média meio-fechada arredondada /o/ somente em posição tônica. A vogal /ɔ/ não tem contraparte nasal.

(51)	['sɔ]	/'sɔ/	‘irmã’
	['so]	/'so/	‘dele, dela’
	['bo]	/'bo/	‘beijo’
	['bɔ]	/'bɔ/	‘borda’

4.3. Vogais altas

A vogal alta anterior /i/ e sua contraparte nasal /ĩ/ ocorrem em contextos átonos e tônicos. O contraste nasal, via pares análogos, ocorre somente em sílabas tônicas.

(52)	['mĩ]	/'mĩ/	‘milho’
	['mil]	/'mil/	‘mil’
	['kĩz]	/'kĩz/	‘quinze’
	['ki]	/'ki/	‘que’
	[ĩ.vi.'te]	/ĩ.vi.'te/	‘convidar’

A vogal alta posterior /u/ e sua contraparte nasal /ũ/ ocorrem em contextos átonos e tônicos. O contraste nasal, via pares análogos, ocorre somente em sílabas tônicas.

(53)	[ã.ʒu.'nũ]	/ã.ʒu.'nũ/	‘ajoelhar’
	[kã.'nũ]	/kã.'nũ/	‘canao’
	[ko.'mũn]	/ko.'mũn/	‘bacaba’
	[ʒu.'nũ]	/ʒu.'nũ/	‘joelho’
	[ʃĩ.'mun]	/ʃĩ.'mun/	‘bebê’

Muito embora a nasalização por regra ocorra em muitas línguas derivadas do francês advindas do mesmo contexto, como o haitiano, Tinelli (1981: 63) *apud* Hall comenta “no crioulo haitiano é notoriamente instável, e em muitos casos [a nasalização é] parcial ou totalmente sobre um ou mais sons vizinhos” (1950a: 476, tradução e adaptação nossas)⁹. Apesar de numericamente superior, a ocorrência de [ĩ] e [ũ] em contexto não nasal e de [i] e [u] em contexto nasal é atestada, o que exclui a interpretação da ocorrência de alofonia.

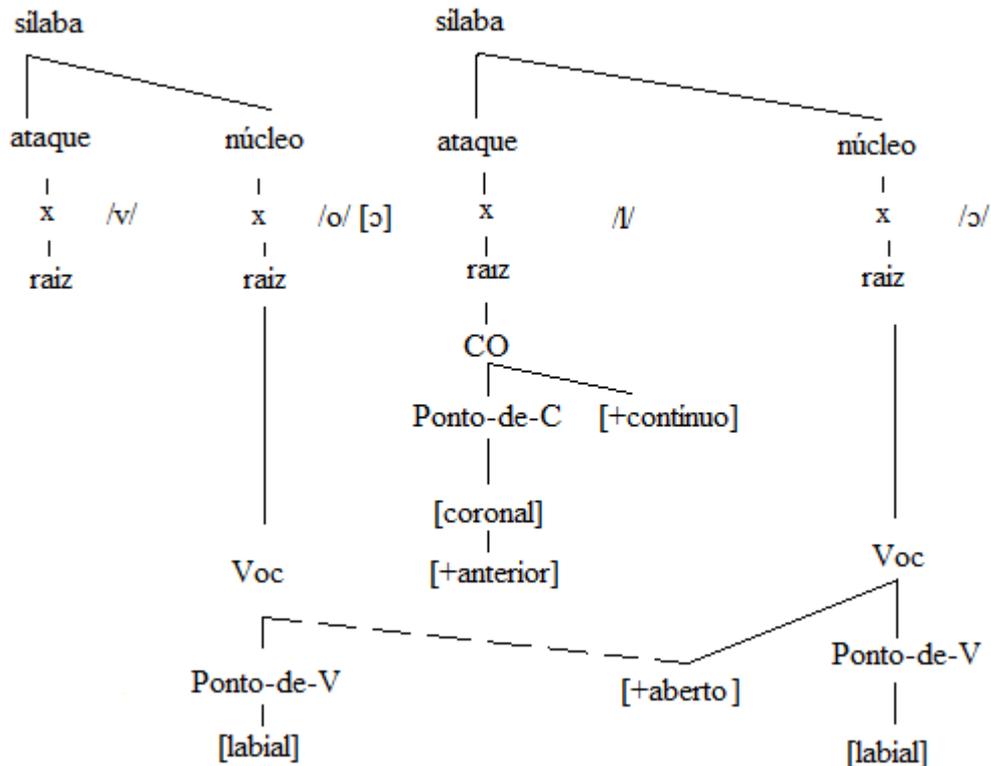
4.4. Abertura vocálica regressiva (/e/ → [ɛ], /o/ → [ɔ])

As vogais médias meio-abertas em posição tônica em sílaba sem consoantes nasais no ataque espalham sua abertura para a vogal média da sílaba antecedente (54, 55, figura 4). As vogais /o/ e /e/ não ocorrem em contexto pretônico seguidas de sílaba com vogal média meio-aberta. Exceção é feita a /o/ quando sucedido por sílaba com consoante nasal (56). Nesse contexto, o espalhamento da abertura vocálica é barrado pela consoante nasal.

(54)	[lɛ.'kɔl]	/lɛ.'kɔl/	‘escola, estudar, estudo’
	[lɛ.'ʒɛ]	/lɛ.'ʒɛ/	‘leve’
	[zɛ.'ghɛt]	/zɛ.'ghɛt/	‘garça’
(55)	[kɔ.'lɛ]	/kɔ.'lɛ/	‘aborrecer, aborecido, brabo, irritado, revolta’
	[vɔ.'lɔ]	/vɔ.'lɔ/	‘furtar, roubar’
	[kɔt.'lɛt]	/kɔt.'lɛt/	‘costelas’
(56)	[pho.'mɛt]	/pho.'mɛt/	‘prometer’
	*[phɔ.'mɛt]		
	[ko.'nɛt]	/ko.'nɛt/	‘conhecer’
	*[kɔ.'nɛt] [bo.'nɔ]		
	/bo.'nɔ/	‘cedo’	

9 Trecho original em inglês: “in Haitian Creole is notoriously unstable, and in many instances partially or wholly over one or more neighboring sounds.”.

Figura 4. Abertura vocálica regressiva de vogal média engatilhada por /ɔ/ em sílaba tônica sem consoante nasal.



A abertura vocálica é um tipo de assimilação que muda um valor de traço no segmento afetado (*feature-changing assimilation*). O traço [-aberto] das vogais /e, o/ passa a [+aberto].

Somente /ɔ/ e /ɛ/ fonêmicos podem ocorrer em posição pretônica não precedendo sílaba com vogal média aberta.

- | | | | |
|------|--------------|--------------|-------------------|
| (57) | [lɛv. 'mã] | /lɛv. 'mã/ | ‘leveza’ |
| | [mɛ. 'tsê] | /mɛ. 'tsê/ | ‘médico’ |
| | [bɔ. 'de] | /bɔ. 'de/ | ‘bordar’ |
| | [fɔ. 'se] | /fɔ. 'se/ | ‘forçar’ |
| | ['fɔs] | / 'fɔs/ | ‘força, apoio’ |
| | [tɔ. 'de] | /tɔ. 'de/ | ‘entortar, torto’ |
| | [mɛ. 'ta] | /mɛ. 'ta/ | ‘metade’ |
| | [si.pɔ. 'te] | /si.pɔ. 'te/ | ‘apoio’ |
| | [tɔ. 'nê] | /tɔ. 'nê/ | ‘voltar, emergir’ |

5. A interpretação dos ditongos

Não há ditongos ocupando apenas uma posição vocálica. /j/ e /w/ ocupam uma posição consonantal no ataque (CV como em /wa/, /ja/) ou na coda (VC como em /aw/, /aj/), nunca

uma articulação secundária vocálica ou consonantal (*V_j, *V_w, *C_j, *C_w). De todas as sequências vogal oral ou nasal seguida de aproximante j ou w (ditongos decrescentes), somente as sequências [aj], [ãj], [ej], [uj], [aw] e [ãw] são atestadas.

[aj] e [ãj]

(58)	['baj]	/'baj/	‘dar, proporcionar’
	['haj]	/'haj/	‘odiar’
	[mãj.'ɔk]	/mãj.'ɔk/	‘mandioca’
	[mõ'tãj]	/mõ'tãj/	‘montanha’

[ej]

(59)	['wej]	/'wej/	‘olho, ver’
	[so.'lej]	/so.'lej/	‘sol’

[uj]

(60)	[ne.phuj.'ze]	/ne.phuj.'ze/	‘desprezo’
	[ʃuj.'zin]	/ʃuj.'zin/	‘cozinha’
	[fuj.ʒi.'de]	/fuj.ʒi.'de/	‘frigideira’

[aw] e [ãw]

(61)	['aw.ku]	/'aw.ku/	‘álcool’
	[ma.ka.'hãw]	/ma.ka.'hãw/	‘macarrão’

De todas as sequências vogal oral ou nasal antecedida de aproximante j ou w (ditongos crescentes), as sequências [ja], [jã], [je], [jê], [jo], [jô], [ju], [jɛ], [wa], [we], [wê], [wi] e [wo] são atestadas. Apresentamos exemplos em primeira e segunda posição de ataque.

[ja] e [jã]

(62)	[ʃa.ka.'ja]	/ʃa.ka.'ja/	‘danificar, arruinar, bagunçar, bagunçado,’
	['jãm]	/'jãm/	‘inhome’
(63)	[kõ.sja.'vi]	/kõ.sja.'vi/	‘conservar, preservar’
	[a.so.sja.'sjõ]	/a.so.sja.'sjõ/	‘associação’

[je] e [jê]

(64)	['je]	/'je/	‘eles, deles’
	[ku.je.'nê]	/ku.je.'nê/	‘enganar’

(65)	[de.'fje]	/de.'fje/	'defender'
	[kõ.'bje]	/kõ.'bje/	'quanto'
	['bjẽ]	/'bjẽ/	'bem'
[jɛ]			
(66)	[dɛ.jɛ.'ku]	/dɛ.jɛ.'ku/	'nuca'
	['jɛg]	/'jɛg/	'azedo'
(67)	[la.'bjɛ]	/la.'bjɛ/	'cerveja'
	[la.hõ.'sjɛl]	/la.hõ.'sjɛl/	'céu'
[jo] e [jõ]			
(68)	[bu.'jõ]	/bu.'jõ/	'caldo'
(69)	[dʒi.sjo.'nɛ]	/dʒi.sjo.'nɛ/	'dicionário'
	[e.du.ka.'sjõ]	/e.du.ka.'sjõ/	'educação'
[ju]			
(70)	[ku.ju.'hu]	/ku.ju.'hu/	'cará-de-papa''
[wa]			
(71)	[wa.'sej]	/wa.'sej/	'açai'
	[wa.ha.'ku]	/wa.ha.'ku/	'aracu'
(72)	[ne.twaj.'aʒ]	/ne.twaj.'aʒ/	'asseio'
	[dã.'bwa]	/dã.'bwa/	'natureza'
[we] e [wẽ]			
(73)	[p ^h we.'zãs]	/phwe.'zãs/	'presença'
	['lwẽ]	/'lwẽ/	'longe, longínquo'
	[pwẽ.'ʃi]	/pwẽ.'ʃi/	'pontagudo'
[wi]			
(74)	[i.'wit]	/i.'wit/	'oito'
	[i.wit.'sã]	/i.wit.'sã/	'oitocentos'
	[wi.ʃu.'pi]	/wi.ʃu.'pi/	'bem-te-vi'

(75)	[^h p ^w wi]	/'phwi/	‘prender, preso’
	[^h fwi]	/'fwi/	‘fritar, frito’, ‘fruta’
	[^h v ^w wi]	/'vhwi/	‘pintado (peixe)’
	[^h fwit]	/'fwit/	‘saboroso’

[wo]

(76)	[ka.ka.'wo]	/ka.ka.'wo/	‘cacau’
------	-------------	-------------	---------

6. Estrutura silábica

A sílaba do kheuól pode ter duas posições consonantais pré-vocálicas (ataque, C1 e C2) e uma posição pós-vocálica (coda, C3). A posição C1 pode ser ocupada por todo inventário fonológico consonantal, exceto o tepe /r/; C2 pode ser preenchida pelas consoantes /l/, /r/, /h/ /w/ e /j/. Em V, pode ocorrer todo o inventário vocálico. Pode ocorrer em C3 todo o inventário consonantal, com exceção do tepe /r/. A palavra mínima pode consistir de apenas uma vogal (em raízes não lexicais). Não encontramos raízes lexicais nominais, verbais, adjetivais ou adverbiais compostas de apenas uma vogal.

(77)	V	[^h u]	/'u/	‘você’
		[^h i]	/'i/	‘ele’
(78)	CV	[^h dã]	/'dã/	‘dente’
(79)	VC	[^h ak]	/'ak/	‘ácido’
(80)	CVC	[^h sal]	/'sal/	‘sujar, sujo’, ‘poluição, poluente’
(81)	CCV	[^h p ^w wi]	/'phwi/	‘prender’
		[^h plã]	/'plã/	‘planta’
(82)	CCVC	[^h plên]	/'plên/	‘gemer’

7. Atribuição de acento

O acento sempre recai na última sílaba da raiz lexical. Adição de morfologia funcional não desloca o acento (83-85), já adição de morfologia derivacional desloca (86-88). No sintagma nominal, a morfologia funcional sempre é átona.

(83)	bato	[ba.'to]	/ba.'to/	‘barco, barcos, o barco’
(84)	bato-la barco-DEF.SG ¹⁰	[ba.'to.la]	/ba.'to/	‘o barco’
(85)	bato-iela barco-DEF.PL	[ba.'to.je.la]	/ba.'to/	‘os barcos’

¹⁰ DEF.SG = artigo definido singular; DEF.PL = artigo definido plural; VBLZ = nominalizador; NMLZ = nominalizador; ADVLZ = adverbializador; V = verbo; N = nome; ADJ = adjetivo; ADV = advérbio.

Em nomes, verbos e advérbios formados por mais de um morfema, o acento sempre recai na última sílaba do último morfema lexical.

(86)	N→V	flex	[ˈfleʃ]	/ˈfleʃ/	‘flecha’
		flex-e	[fle.ˈʃe]	/fle.ˈʃe/	‘flechar’
		flecha-VBLZ			
(87)	V→N	konet	[ko.ˈnet]	/ko.ˈnet/	‘conhecer’
		konet-mã	[ko.net.ˈmã]	/ko.net.ˈmã/	‘conhecimento’
		conhecer-NMLZ			
(88)	ADJ→ADV	vit	[ˈvit]	/ˈvit/	‘rápido’
		vit-mã	[vit.ˈmã]	/vit.ˈmã/	‘rapidamente’
		rápido-ADVLZ			

As únicas exceções encontradas no *corpus* para a atribuição de acento em sílaba final são (89-90). Ambas são palavras de origem portuguesa que terminam pela vogal [ʊ]¹¹. Na variedade Galibi-Marworno, a única diferença é a palavra para suco [ˈsuk], que, nesse caso, não se apresenta como exceção.

(89) [ˈaw.kʊ] ‘álcool’

(90) [ˈsu.kʊ] ‘suco’

8. Considerações finais

Este trabalho buscou apresentar os principais aspectos da fonologia segmental da língua kheuól do Uaçá em sua variedade Karipuna com dados mais recentes, bem como descrever alguns processos fonológicos à luz da Geometria de Traços (Clements; Hume 1995). Através de pares mínimos e análogos (Pike 1947), buscamos estabelecer os fonemas consonantais e vocálicos, bem como seus alofones. Recorremos à fonologia autosegmental, para capturarmos os fenômenos de nasalização (/j/ [ɲ], /g/ [ŋ]) e de abertura vocálica (/e/ [ɛ], /o/ [ɔ]) como instâncias de assimilação como mudança de valor dos traços [nasal] e [aberto] (*feature-changing assimilation*), respectivamente. Explicamos a pós-aspiração consonantal /Ch/ [C^h] engatilhada por reajuste silábico, como o espriamento do nódulo raiz de /h/ para a articulação secundária da consoante precedente (*partial assimilation*). Pretendemos em trabalhos futuros abordar em mais detalhes fenômenos que envolvem a interação entre fonologia e morfossintaxe e apresentar uma fonologia segmental da variedade Galibi-Marworno do kheuól do Uaçá. Este estudo buscou apresentar uma contribuição original e inicial sobre a fonologia de uma língua indígena subdocumentada e ameaçada de extinção.

Referências

Aboh, Enoch; DeGraff, Michel (2017). A null theory of creole formation based on universal grammar. In Ian Roberts (ed.), *The Oxford handbook of universal grammar*, pp 401-458. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199573776.013.18>

¹¹ A vogal /u/ é pronunciada [ʊ] em contexto de sílaba átona final em português brasileiro, língua que os falantes consultados têm como L2.

- Alleyne, Mervyn; Ferreira, Jo-Anne (2007). Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. In Magnus Huber; Viveka Vellupilai (eds.), *Synchronic and diachronic perspectives on contact languages*, pp. 325-357. John Benjamins Publishing Company. <http://doi.org/10.1075/cll.32.19fer>
- Bisol, Leda (1994) Ditongos derivados. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* 10(3): 123-140. <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45380/29973>
- Bisol, Leda (2012). Ditongos derivados: um adendo. In Seung Hwa Lee (org.), *Vogais além de Belo Horizonte*, pp. 57-65. Faculdade de Letras da UFMG. http://relin.letras.ufmg.br/probravo/pdf_sisvogais/LEDABISOL.pdf
- Campetela, Cilene; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Elissandra Barros da; Silva, Glauber Romling da (2017). Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. *Revista Lingüística* 13(1): 151-167. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/10425>
- Carvalho, Amanda da Costa (2020). O bilinguismo em aldeias Galibi-Marwono e Karipuna. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas* 1(2): 05-18. <https://doi.org/10.18468/rbli.2018v1n2.p05-18>
- Cavlak, Iuri (2016). Aspectos da colonização na Guiana Francesa e no Amapá: visões comparadas e imbricações históricas. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas* 10(2): 158-181. <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/14881/13202>
- Clements, G. N.; Hume, Elizabeth V. (1995). The internal structure of speech sounds. In John Goldsmith (ed.), *Handbook of phonological theory*, pp. 245-306. Blackwell.
- Eberhard, David M.; Simons Gary F.; Fennig, Charles D. (eds.) (2022). *Ethnologue: Languages of the World*. Twenty-seventh edition. SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com>
<https://www.ethnologue.com/language/kmv/>
- Eberhard, David M.; Simons, Gary F.; Fennig, Charles D. (eds.) (2024). *Ethnologue: Languages of the World*. Twenty-seventh edition. SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com>
<https://glottolog.org/resource/languoid/id/kari1309>
- Ferreira, Jo-Anne (2010). Bilingual education among the Karipúna and Galibi-Marwono. In Bettina Migge; Isabelle Léglise; Angela Bartens (eds.), *Creoles in Education*, pp. 211-236. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cll.36.09fer>
- Forte, Janina dos Santos (2020). Lang dji Pota-Iela: a Língua dos Pota. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas* 2(1): 29-44. <https://doi.org/10.18468/rbli.2019v2n1.p29-44>
- Forte, Janina dos Santos (2021). *Pota - a cura pelas palavras Karipuna, Galibi-Marwono e Palikur* (Dissertação de mestrado em Letras). Universidade Federal do Amapá. <https://www2.unifap.br/ppglet/files/2022/05/DISSERTACAO-JANINA-SANTOS-FORTE-FINAL-JAN-2022-FOLHA-CATA-2.pdf>
- Forte, Janina dos Santos; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da; Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019a). *No Lang No Mias -Liv paradjitatxik dji methes-ielá*. Editora da Unifap. <https://www2.unifap.br/editora/files/2020/02/no-lang-no-mias.pdf>
- Forte, Janina dos Santos; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da; Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019b). *Ximêdji konetmã -Liv djitatxik dji methes-ielá*. Editora da Unifap. <https://www2.unifap.br/editora/files/2019/12/xime-dji-konetma.pdf>
- Gallois, Dominique; Grupioni, Denise. (2003). *Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam*. Instituto Iepé. https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/livro_povos_indigenas_no_AP_e_N_do_PA.pdf
- Instituto Socioambiental (2022a). *Povos Indígenas no Brasil*. Disponível em

- https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karipuna_do_Amap%C3%A1
- Instituto Socioambiental (2022b) Povos Indígenas no Brasil. Disponível em https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Galibi_Marworno
- International Phonetic Association (2005). International Phonetic Alphabet (IPA) 2005. www.internationalphoneticassociation.org
- Jacobs, Bart; Parkvall, Mikael (2021). How Gbe is Guianese French Creole? *Lingua* 250: 102939. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2020.102939>
- Jennings, William; Pfänder, Stepan (2018). History: the creation of French Guianese Creole. In William Jennings; Stepan Pfänder. *Inheritance and Innovation in a Colonial Language: towards a usage-based account of French Guianese Creole*, pp. 7-81. Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-3-319-61952-1_2
- Lüpke, Friederike; Stenzel, Kristine; Cabalzar, Flora Dias; Chacon, Thiago; Cruz, Aline da; Franchetto, Bruna; Guerreiro, Antonio; Meira, Sérgio; Silva, Glauber Romling da; Silva, Wilson; Storto, Luciana; Valentino, Leonor; Voort, Hein van der; Watson, Rachel (2020). *Comparing rural multilingualism in Lowland South America and Western Africa* 62(1): 3-57. <https://doi.org/10.1353/anl.2020.0002>
- Nunes, Maria Atilda; Forte, Maria Zani (2020). Pota pu fe fam akuxe vit: reza para fazer a mulher ter o filho mais rápido. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas* 1(2): 49-62. <https://doi.org/10.18468/rbli.2018v1n2.p49-62>
- Pike, Kenneth L. (1947). Phonemics. A technique for reducing languages to writing. University of Michigan Press.
- Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da (2020). Duas ortografias, uma língua: as variedades Karipuna e Galibi-Marworno do khuóól do Uaçá. *Revista Porto das Letras* 6(3): 228-250. <https://betas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9860>
- Silva, Glauber Romling da (2019). O khuóól do Uaçá: perspectivas em pesquisa. In Edna do Santos; Eduardo Alves Vasconcellos; Romário Duarte Sanches (orgs.), *Estudos linguísticos na Amazônia*, vol. 1: 63-78. Pontes Editores. https://www.ponteseditores.com.br/loja/index.php?route=product/product&product_id=1249
- Silva, Glauber Romling da (2021a). A distinção contável-massivo no khuóól do Uaçá. *LIAMES-Línguas Indígenas Americanas* 21: 1-17, e021004. <https://doi.org/10.20396/liames.v21i00.8661283>
- Silva, Glauber Romling da (2021b). Khuóól do Uaçá (Amapá): Aspectos históricos, gramática e educação. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento* 14(2): 58-68. <https://doi.org/10.24979/ambiente.v14i2.1016>
- Silva, Glauber Romling da; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos (2022). Reflexões sobre métodos de valorização linguística e cultural para a formação de professores pesquisadores indígenas. *Letras Escreve* 12(1): 185-197. <https://doi.org/10.18468/letras.2022v12n1.p185-197>
- Silva, Glauber Romling da (2023). Aspectos sintáticos dos adjetivos em khuóól do Uaçá. *LIAMES-Línguas Indígenas Americanas* 23(00), e023007. <https://doi.org/10.20396/liames.v23i00.8671376>
- Silva, Gutemberg; Rückert, Aldomar (2009). A fronteira Brasil-França: mudança de usos político-territoriais na fronteira entre Amapá (BR) e Guiana Francesa (FR). *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasilera de geografia* 7: 1-21. <https://doi.org/10.4000/confins.6040>
- Silva, Jaciara Santos da (2021). *Dicionário de palavras desprezadas pelos jovens Galibi-Marworno (Dissertação de mestrado em Letras)*. Universidade Federal do Amapá.
- Silva, Jaciara Santos da; Santos, Nordevaldo dos; Charles, João Alexandre Bertiliano; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da. Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019a). *No Liv dji ixtwa Galibi Marworno -Liv paradjidatk dji methés-iela*. Editora da Unifap. <https://www2.unifap.br/editora/files/2019/12/no-liv-dji-ixtwa-balibi-marworno.pdf>

Silva, Jaciara Santos da; Santos, Nordevaldo dos; Charles, João Alexandre Bertiliano; Santos, Gelsama Mara Ferreira dos; Silva, Glauber Romling da. Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019b). *Nate konétmã dji thavai: Liv djidatxik djimethés-iela*. Editora da Unifap.
<https://www2.unifap.br/editora/files/2019/12/nate-konetma-dji-thavai.pdf>

Tinelli, Henry (1981). *Creole phonology*. Mouton Publishers.

Tobler, S. Joy (1983). *The grammar of Karipúna Creole* (Série Linguística 10). Summer Institute of Linguistics.
<https://www.sil.org/resources/archives/17025>

Vilhena, Erderson dos Santos (2020). A língua dos Karuãnas. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas* 1(2): 36-48.
<https://doi.org/10.18468/rbli.2018v1n2.p36-48>

CRedit - Taxonomia de roles de colaboração acadêmica

Declaração de conflito de interesse

Não há conflitos de interesse.

Contribuição dos autores

O trabalho desenvolveu-se em plena colaboração entre os autores, desde a coleta de dados, revisão bibliográfica, análise, redação do artigo, produção final e revisão do artigo. O coautor colaborou, sobretudo, na coleta de dados, análise e revisão do artigo.

Ética em pesquisa com seres humanos

Este trabalho tem o consentimento de todos os falantes envolvidos.

Financiamento da pesquisa

Parte deste trabalho foi subsidiado por base de dados elaborada para os subprojetos para a construção de dicionários *online* para o kheuól do Uaçá em suas variedades Karipuna e Galibi-Marworno do Museu do Índio/UNESCO.

Recebido: 4/12/2023

Versão revista: 6/3/2024

Aceito: 11/3/2024

Publicado: 25/3/2024